

Estudos da Língua(gem)

Práticas contemporâneas de intervenção com a linguagem

Desenvolvimento de gêmeos monozigóticos: *linguagem e outras especificidades*

Development of monozygotic twins:
language and other specificities

Desarrollo de gemelos monocigóticos:
lenguaje y otras especificidades

Naraí Lopez Barbeta

Universidade São Francisco (USF/Brasil)

Ivone Panhoca

Universidade de Mogi das Cruzes (UMC/Brasil)

RESUMO

O objetivo deste artigo é discutir sobre a gemelaridade, passando pela concepção, a gestação e o momento perinatal até chegar às questões relativas à singularidade do “ser gêmeo idêntico”, à alteração de linguagem e à gemelaridade. Nesse sentido, o texto ressalta a importância que o grupo familiar de gêmeos tem na formação e identificação da criança gêmea como um ser social, o que ocorre via linguagem. A linguagem é considerada de forma relevante no processo de constituição do indivíduo como sujeito social, enquanto a constituição da identidade desse sujeito ocorre no contexto das relações, na ordem do social e do intrafamiliar.

PALAVRAS-CHAVES: Linguagem, gêmeos, alteração de linguagem.

ABSTRACT

This paper aims to discuss twinning, from the conception, the gestation, and the perinatal moment, to the issues of the uniqueness of “being identical twin” and language change. In this sense, the text emphasizes the importance that

* Sobre as autoras ver página 107.

the family group of twins has in their formation and their identification as a social being, what occurs through language. Thus language is considered relevant in the process of individual constitution of the child as a social subject, while his identity constitution occurs in the context of relationships as well as in the social and intrafamily order.

KEYWORDS: *Language; twins; language change.*

RESUMEN

El objetivo de este artículo es discutir sobre la gemelaridad, pasando por la concepción, la gestación y el momento perinatal hasta llegar a las cuestiones relativas a la singularidad del "ser gemelo idéntico", a la alteración del lenguaje y la gemelaridad. En ese sentido, el texto resalta la importancia que el grupo familiar de gemelos tiene en la formación e identificación del niño gemelo como un ser social, lo que ocurre a través del lenguaje. El lenguaje es considerado de forma relevante en el proceso de constitución del individuo como sujeto social, mientras que la constitución de la identidad de ese sujeto ocurre en el contexto de las relaciones, en el orden de lo social e intrafamiliar.

PALABRAS CLAVES: *Lengua, Gemelos, Alteración del lenguaje.*

1 Considerações iniciais

A gemelaridade sempre despertou o interesse da comunidade científica por questões diversas que vão desde a compreensão de sua vivência em dupla e a importância da genética e do meio ambiente na evolução do homem até questões do desenvolvimento da identidade e individualidade e o encantamento e a curiosidade de ter filhos gêmeos (ANDRADE et al, 2014; BEIGUELMAN, 2008; BARBETTA; PANHOCA; ZANOLLI, 2008).

Mas essa experiência ainda é um fato inesperado, que pode provocar as mais diversas reações nas famílias: desde um grande entusiasmo com a novidade ou com a ideia de chegar mais rápido ao número de filhos planejado até sérias preocupações diante da perspectiva do acréscimo nas despesas e trabalhos domésticos.

2 O Início de tudo: a concepção

Os bebês desenvolvem-se a partir de uma célula minúscula, um óvulo fecundado ou célula-ovo ou zigoto. Esse é o processo de uma concepção da qual resulta um único feto. Mas pode acontecer que o ovário liberte dois óvulos no período da ovulação ou que ocorram divisões iniciais e as células se desenvolvam de maneira independente, levando a uma gestação gemelar ou múltipla.

Existem dois tipos diferentes de gêmeos:

- Dizigóticos, fraternos ou não idênticos (DZ);
- Monozigóticos ou idênticos (MZ).

Gêmeos DZ ocorrem quando dois óvulos são liberados em uma única ovulação e são fecundados por dois espermatozoides diferentes. Esses dois óvulos fertilizados se desenvolvem de forma independente no útero. Os gêmeos DZ possuem a mesma relação genética que irmãos não gêmeos, por isso a nomenclatura: gêmeos fraternos (do latim *frater* = irmão).

Gêmeos MZ se desenvolvem quando um óvulo é fertilizado por um único espermatozoide e, durante as duas primeiras semanas após a concepção, o embrião em desenvolvimento se divide em dois. O resultado é o desenvolvimento de dois bebês geneticamente idênticos.

Por serem originários da fecundação de um único óvulo, esses fetos evoluirão para dois gêmeos geneticamente idênticos, pois possuem o mesmo patrimônio genético, sempre do mesmo sexo e com características físicas muito semelhantes. Recebem cientificamente a denominação de *mono-ovulares*, *univitelinos* ou *mono-ovulários*. São os chamados gêmeos idênticos, apesar de essa denominação não ser muito apropriada, já que a identidade, aqui, refere-se ao genótipo e não ao fenótipo, ocorrendo casos em que os pares MZ podem apresentar diferenças fenotípicas (BEIGUELMAN, 2008).

Esse desenvolvimento diferenciado desta célula-ovo única (zigoto) pode ocorrer entre um e quatorze dias depois da fertilização. Quando ocorre muito precocemente (até o terceiro dia), os gêmeos resultantes (30%) mostrarão, ao nascer, dois córions, dois âmnios (diamnióticos dicoriônicos) e duas placentas bem separadas ou unidas; após quatorze dias, essas alterações podem provocar a divisão da massa celular interna resultando no nascimento de gêmeos com dois âmnios e um córion (diamnióticos monocoriônicos) e uma placenta. Se mais tardias, essas alterações provocam a divisão do disco embrionário ocorrendo o nascimento de gêmeos com um único âmnio e um único córion (monoamnióticos monocoriônicos) e placenta única. Podem produzir uma repartição desigual do material embrionário, resultando na ocorrência de maiores diferenças entre os pares MZ (BEIGUELMAN, 2008).

3 A mão da natureza e da ciência na frequência da gemelaridade

As taxas de natalidade de gêmeos MZ são consistentes entre todas as raças (cerca de 4 a cada 1000 nascimentos), mas a incidência de gêmeos DZ varia entre as raças (8 a cada 1000 nascimentos entre os caucasianos, 16 a cada 1000 nascimentos entre as pessoas de ascendência africana e 4 a cada 1000 nascimentos entre os asiáticos).

Um aumento em demasia no número de gêmeos DZ, trigêmeos e quadrigêmeos tem ocorrido devido aos novos tratamentos disponíveis para a infertilidade. A maioria dos tratamentos para infertilidade, desenvolvidos a partir da década de 1970, envolve o uso de hormônios para estimular a ovulação de mais de um óvulo. Em tratamentos em que os óvulos maduros são colhidos e fertilizados fora do corpo da mulher, como é o caso da fertilização *in vitro*, dois ou mais embriões são rotineiramente transferidos de volta para dentro do útero, de modo a aumentar as probabilidades de que pelo menos um embrião se transforme numa gravidez bem sucedida. Surpreendentemente, o tratamento com tecnologias de reprodução assistida também parece aumentar a taxa de geminação MZ.

Na América Latina, de forma geral, uma recente pesquisa demográfica representativa de vários países, estimou o nascimento de aproximadamente 9 gêmeos em cada 1.000 nascimentos no país (SMITS; MODEN, 2011).

No Brasil, não há estimativas oficiais sobre a taxa de natalidade de gêmeos MZ e DZ. Dados disponíveis no DATASUS¹ mostram que, em 2012, nasceram vivos 58.571 pares de gêmeos e múltiplos no país. Desse total:

- i- constam 57.138 pares de gêmeos, representando 19,7% de todos os nascimentos;
- ii- há 1.433 trigêmeos e outras ordens de múltiplos, representando 0,05% de todos os nascimentos.

Já em 2015, na Região Sudeste do Brasil, especificamente, contabilizaram-se 26.910 nascimentos (vivos) de gestação dupla (MS/SVS/DASIS – Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos – SINASC). As taxas de nascimentos de gêmeos e múltiplos variam um pouco entre as regiões do país, sendo maiores na região Sudeste e Sul, e apresentando a menor taxa na região Norte.

4 A gestação e o momento perinatal

De uma maneira geral e numa proporção bem maior do que em crianças únicas, os gêmeos enfrentam complicações obstétricas e perinatais relevantes, além de apresentarem, com mais frequência, anomalias e anormalidades congênitas.

Estudos comprovaram que o desenvolvimento fetal dos gêmeos ocorre num espaço menor devido à presença de um ou mais irmãos no útero; além disso, eles normalmente nascem antes do que as crianças únicas (sendo classificado como pré-termos, ou seja, de menos que 37 semanas gestacionais) e apresentam baixo peso (menos que 2.500 g) e baixa estatura ao nascer (RUTTER; REDSHAWN, 1991; BEIGUELMAN et al, 1998).

No caso dos gêmeos MZ, especificamente, há ainda competição por recursos intra-útero no período pré-natal, de acordo com a pesquisa de Mogford-Bevan (2000).

Beiguelman (2008) considera também o fenômeno conhecido como *síndrome da transfusão entre gêmeos idênticos*, que consiste na passagem preferencial de sangue de um gêmeo para o outro, como um demonstrativo de diferenças entre o par de gêmeos ainda no útero, mas com consequências na relação de peso ao nascer e quociente de inteligência (QI). Em seu estudo, o autor verificou que esse fenômeno acontece em cerca de 22% dos pares MZ, que mostram, por isso, uma diferença de 35% ou mais de hemoglobina entre si. Se o gêmeo que recebe menos hemoglobina nascer com peso igual ou apresentar uma diferença de 300g para menos em relação ao irmão, frequentemente, terá QI inferior. A hipótese de que esse fenômeno é responsável pela diferença de QI entre os gêmeos idênticos encontra respaldo no fato de que tal diferença, normalmente, não ocorre entre os gêmeos fraternos, porque, nesses, as circulações fetais quase nunca estão conectadas.

¹ **DATASUS** é o departamento de informática do Sistema Único de Saúde do Brasil. Trata-se de um órgão da Secretaria de Gestão Estratégica e Participativa do Ministério da Saúde com a responsabilidade de coletar, processar e disseminar informações sobre saúde.

Beiguelman e Franchi-Pinto (2000) também descrevem consequências, como a alta taxa de mortalidade perinatal, que estaria fortemente influenciada pelo baixo peso, devido a sua associação com desordens respiratórias, metabólicas, imunológicas e neurológicas.

Outro aspecto relevante é o que diz respeito aos índices de Apgar (método de avaliação clínica utilizado no primeiro e quinto minutos de vida do bebê) entre os recém-nascidos de parto único e entre gêmeos. Os gêmeos nascidos em primeiro lugar apresentam, em média, melhor estado clínico que os nascidos em segundo lugar, visto que os primeiros mostram uma proporção de índices de Apgar inferiores a 7, significativamente menores do que os nascidos em segundo lugar. E a proporção de recém-nascidos com índices de Apgar que indicam bom prognóstico (maior ou igual a 8) foi menor nos gêmeos do que nos conceptos únicos (FRANCHI-PINTO et al, 1999).

5 A singularidade do “ser gêmeo idêntico”

À medida que se desenvolvem física e psicologicamente, os gêmeos MZ tendem a apresentar diferenças físicas muito pequenas, mas as características psicossociais podem ser bastante diferenciadas, ficando esse aspecto na dependência do meio ambiente em que serão educados.

Assim, no caso de gêmeos MZ, as semelhanças podem ser, e normalmente são, marcantes, mas a singularidade de cada um merece ser valorizada. É praticamente impossível não aparecerem diferenças no decorrer de sua história de vida, mas a marca do “ser igual” ainda continua como um rótulo na vida de cada membro do par.

Gêmeos idênticos pensam e sentem de modos tão semelhantes que às vezes desconfiam estar ligados por telepatia. [...] São semelhantes em inteligência verbal, matemática e geral, no grau de satisfação com a vida e em características de personalidade como ser introvertido, aquiescente, neurótico, consciencioso e receptivo à experiência. Têm atitudes semelhantes diante de questões polêmicas como pena de morte, religião e música moderna. São parecidos não só em testes de papel e lápis, mas no comportamento consequencial como jogar-se, divorciar-se, cometer crimes, envolver-se em acidentes e ver televisão [...] (PINKER, 2004, p. 74).

Essas crianças possuem exatamente o mesmo conjunto de genes. Mas, à medida que envelhecem, podem começar a manifestar diferenças sutis. Sua aparência pode começar a se diferenciar, e eles podem contrair doenças diferentes ou desenvolver, aos poucos, personalidades distintas. Em geral, essas discrepâncias são atribuídas a diferenças entre fatores ambientais aos quais cada indivíduo estaria exposto.

Uma pesquisa genética realizada no Centro Nacional Espanhol do Câncer, em Madri, e conduzida por Manel Esteller em 2005, trouxe algumas revelações que mostram que gêmeos MZ, à medida que envelhecem, diferenciam-se cada vez mais no que é conhecido como seu epigenoma. Esse

termo refere-se a modificações químicas naturais que começam a ocorrer no genoma de uma pessoa pouco depois do parto e podem agir sobre um gene como um acelerador ou um freio, induzindo-o a uma atividade mais ou menos intensa. Os gêmeos idênticos têm as mesmas marcas epigenéticas no genoma ao nascer, mas as diferenças no epigenoma surgem à medida que crescem.

Esse aspecto do desenvolvimento também é sustentado por Segal (2007). A autora sugere que as semelhanças quanto a comportamentos teria como explicação mais correta a genética partilhada.

Tal argumentação aponta na direção de considerar o ser humano como um organismo criativo dinâmico, para quem a oportunidade de aprender e a experiência em novos ambientes acentuam os efeitos do genótipo sobre o fenótipo.

6 Alteração de linguagem e a gemelaridade

Comumente, os gêmeos MZ apresentam um desenvolvimento normal, mas muitas dessas crianças podem mostrar um atraso na aquisição da linguagem oral como forma efetiva de comunicação (MOGFORD-BEVAN, 2000; LYTTON et al, 1977).

Considerando-se o desenvolvimento da linguagem, alguns autores utilizam o termo Alteração Específica da Linguagem (Specific Language Impairments), quando se referem a crianças cujas dificuldades são especificamente linguísticas, isto é, a alteração da linguagem é primária e não decorrente de uma outra alteração, como deficiência intelectual, deficiência auditiva etc. (STARK; TALLAL, 1981; BISHOP, 1992).

Para Syder (1997), no atraso de linguagem, as habilidades emergem na ordem natural do desenvolvimento, só que em uma velocidade mais lenta, sendo que o atraso pode ocorrer em todas as áreas da linguagem, em apenas uma ou em mais de uma. Além disso, esse atraso no desenvolvimento da linguagem pode estar ou não associado a um atraso do desenvolvimento como um todo. No “distúrbio de linguagem”, por seu turno, uma ou mais de uma das habilidades que compõem a linguagem pode deixar de se manifestar ou fazê-lo muito lentamente, podendo haver, assim, desvios ou distorções do padrão normal.

Nesta mesma direção, Reed (1994) diferencia o atraso na aquisição e o distúrbio no desenvolvimento da linguagem. No atraso, as habilidades linguísticas demorariam mais tempo para serem adquiridas, mas seguiriam a mesma sequência do desenvolvimento normal e o grau de alteração seria similar entre os vários subsistemas de linguagem (fonologia, pragmática, semântica, morfologia, sintaxe). Já, no distúrbio, haveria um desvio na sequência e velocidade em que as habilidades linguísticas são normalmente adquiridas, ocorrendo uma falta de sincronia no desenvolvimento desses subsistemas.

Aparentemente, esse atraso pode ser ocasionado por dores de ouvido e complicações respiratórias no período de aquisição da linguagem e/ou estímulos inadequados para o seu desenvolvimento (MOUSINHO et al, 2008).

As principais características de fala seriam: (i) a fala apresenta-se menos evoluída, (ii) acontece o uso de frases simples, vocabulário reduzido por falta de experiência, substituições na fala frequentes e sistemáticas; (iii) normalmente não existem dificuldades significativas quanto à compreensão da linguagem; (iv)

o problema atinge quase sempre a expressão oral; (v) a evolução do brinquedo simbólico dá mostras de que a criança é capaz de lidar com símbolos e de que consegue representar conhecimentos e experiências por meio de brinquedos e gestos, o que não ocorre por intermédio da fala. Haveria um desenvolvimento atrasado na expressão oral, porém linear e constante, associado a um ritmo lento de aquisição de novas habilidades.

Ao que tudo indica, o primeiro estudo sistemático de desenvolvimento de linguagem em gêmeos foi conduzido por Day (1932), que utilizou algumas medidas como extensão de sentenças, complexidade gramatical e vocabulário para comparação das crianças.

Pesquisas subsequentes continuaram a afirmar que os gêmeos apresentavam um déficit no seu desenvolvimento de linguagem quando comparados com crianças únicas; as prováveis causas para este quadro têm sido investigadas.

Lytton et al (1977) conduziram um estudo procurando relacionar o desenvolvimento tardio de linguagem de crianças gêmeas com variáveis biológicas, tais como: peso ao nascer, valor de Apgar e tempo de gestação, mas os resultados finais apontaram para outra direção, isto é, embora o fator biológico possa contribuir para este atraso, os autores concluíram que as variáveis ambientais exercem uma influência de maior importância. A condição excepcional na qual os gêmeos experimentam a comunicação é interpretada como o principal responsável pelo atraso do desenvolvimento da linguagem.

Douglas e Sutton (1978) apontaram como possíveis causas do atraso na aquisição da fala, a condição gemelar, além das condições ambientais e sociais desfavoráveis, muitas vezes, presentes na vida dos gêmeos univitelinos. As crianças gêmeas que foram acompanhadas neste estudo demonstraram uma evolução rápida durante o processo de estimulação de linguagem proposto por eles, confirmando sua hipótese inicial e descartando qualquer déficit neurológico.

Gêmeos, mais do que outros irmãos, experimentam, desde pequenos, profunda intimidade e constante interação, o que resulta na criação de intenso elo afetivo. Assim, um irmão gêmeo constitui-se em possibilidade constante (e recíproca) de apoio emocional para o outro, em especial, nos primeiros anos de vida. Por outro lado, haveria pouca estimulação intelectual mútua, sugerindo-se a colocação de gêmeos, desde bem cedo, em contextos de interação social, visando a favorecer ao desenvolvimento cognitivo e social de cada membro do par (CLARK; DICKMAN, 1984).

Hay et al (1987) verificaram o déficit da fala de crianças gêmeas quando comparadas com crianças únicas de mesma idade, constatando um atraso de cerca de oito meses na linguagem expressiva, de seis meses na compreensão verbal e de aproximadamente cinco meses no jogo simbólico. Este último aspecto – atraso nas atividades relativas ao jogo simbólico – foi relacionado diretamente ao comprometimento de fala, fator de grande interferência no desenvolvimento cognitivo da criança.

Bakker (1987) verificou que 40 % dos gêmeos pesquisados em seu estudo comunicavam-se através de uma linguagem “secreta”, também conhecida por criptofasia ou idioglossia. Essa linguagem seria própria, primitiva e ininteligível para outros, tendendo, com frequência, a desaparecer precocemente.

Nessa linha de raciocínio, os gêmeos seriam um par auto-suficiente e disso adviria também um hipodesenvolvimento em todos os aspectos da atividade mental que dependem da aquisição plena da fala, pois a uma linguagem “primitiva” corresponderia também um funcionamento “primitivo” das atividades mentais (LURIA; YUDOVICH, 1987).

Outro aspecto relevante é que os gêmeos têm um extenso conhecimento comum e experiências mútuas que podem estar associadas a uma pressão reduzida para a comunicação com outros. Dessa maneira, o ambiente pós-natal e o padrão de interação familiar associados à situação gemelar seriam os responsáveis pelo atraso na fala (RUTTER; REDSHAW, 1991).

Lewis e Thompson (1992) realizaram um estudo no qual foi possível observar que o atraso no desenvolvimento da linguagem acompanha tanto gêmeos do sexo feminino quanto do sexo masculino. No entanto, o atraso em indivíduos do sexo masculino é de quase seis meses a mais do que em crianças do sexo feminino. Os mesmos autores afirmam também que os gêmeos monozigóticos são mais semelhantes nos tipos de desordens de linguagem que apresentam do que os dizigóticos.

A linguagem de gêmeos é, com frequência, caracterizada por alterações no sistema fonológico, com comprometimento da produção da fala, que tende a ser ininteligível para terceiros (DODD E MCEVOY, 1994; MCMAHON; DODD, 1997).

Cavalcanti e Xavier (1995) mostraram que o desenvolvimento da linguagem dos prematuros, no segundo e terceiro anos de vida, encontra-se defasado em relação ao dos nascidos a termo. As autoras acreditam que mães de crianças prematuras apresentam, com maior regularidade, atitudes de superproteção e/ou superestimulação, podendo alterar o desenvolvimento global das crianças, principalmente quanto à linguagem.

Mogford e Bishop (1993) e Mogford-Bevan (2000) apontaram como características/causas dessa condição atípica: (a) falta de motivação pessoal para uma comunicação explícita; (b) oportunidades reduzidas de interação com a mãe; (c) presença de competição durante o processo de comunicação; (d) dificuldade no estabelecimento de identidade pessoal; (e) aparecimento de linguagem autônoma; (f) o fato de a mãe não dirigir a fala diretamente para um filho ou outro; (g) tempo de estimulação menor – teoricamente metade do tempo que a mãe dirigiria a uma criança não gêmea – devido à sobrecarga de atividades pós-natais.

Grande parte das crianças gêmeas apresentam intercorrências pré, peri e pós-natais, como prematuridade, internação, baixo peso, e tais aspectos podem ser considerados de risco para uma possível alteração no desenvolvimento da linguagem (TOMBLIN; BUCKWALTER, 1998).

Mogford-Bevan (2000) descreveu a situação gemelar como uma condição em que as experiências dos irmãos são divididas de maneira íntima e especial, criando um padrão diferenciado de circunstâncias interpessoais que influenciam a aquisição/desenvolvimento da linguagem. A condição de gêmeos não criaria uma necessidade “objetiva” de interação linguística com outros, constituindo um fator cristalizador do comprometimento de linguagem.

Em relação a essa linguagem característica de gêmeos, outros estudos falam não propriamente em uma “linguagem autônoma”, mas sim em uma

persistência de formas imaturas de fala (BISHOP; BISHOP, 1998; MOGFORD-BEVAN, 2000).

Thorpe et al (2001) acrescentaram dados importantes quanto a esse tipo de linguagem. Os autores identificaram dois subtipos de linguagem secreta: (a) a de compreensão partilhada, que seria uma fala dirigida a todos, mas ininteligível aos pais, apesar de ser, aparentemente, compreendida pelo par de gêmeos; (b) a linguagem secreta dirigida exclusivamente ao outro irmão, que seria ininteligível aos pais, mas claramente compreendida e usada somente pelas crianças gêmeas. Na maioria dos casos, parece ser um fenômeno desenvolvimental que ocorre no segundo ano de vida, juntamente com o surgimento de uma fala imatura, mas que tende a diminuir consideravelmente nos dezesseis meses seguintes. Nesse estudo, foi descrito apenas um pequeno grupo de crianças, principalmente meninos gêmeos, que permaneceram utilizando essa linguagem secreta ainda aos trinta e seis meses. Esse grupo apresentava um funcionamento pobre da linguagem e cognição, além de se caracterizar por relações de grande dependência entre seus familiares.

Outro estudo, conduzido por Malmstrom e Poland (2004), aponta que a condição de ser gêmeo oferece a vantagem de ser um parceiro com o qual praticar alternadamente os papéis de líder-seguidor e a arte do revezamento durante o desenvolvimento da conversação. A pesquisa identificou um comportamento verbal em gemelares, chamada de “efeito gêmeos”, relacionado ao conceito que as crianças têm de si próprias como equipe.

Essa linguagem é composta de adaptações do idioma padrão, usadas para expressar a realidade especial deles, incluindo o emprego de termos como o “eu e eu também”, “a gente” (oposto de “vocês”) e seus nomes próprios unidos em sequência e seguidos de verbos no singular (BARBETTA; PANHOCA, 2003; MALMSTROM; POLAND, 2004).

Gejão et al (2014) pesquisaram e compararam dois pares de gêmeos (MZ e DZ) pré e pós acompanhamento fonoaudiológico devido ao atraso de linguagem, verificando que, embora os gêmeos MZ tenham tido um tempo de intervenção maior, seu desempenho foi mais prejudicado em relação ao par DZ. Os autores sugerem a interferência de fatores genéticos e ambientais no desenvolvimento destas crianças.

7 O grupo familiar de gêmeos monozigóticos

Os seres humanos se desenvolvem participando de múltiplos contextos e situações socioculturais. Assim, a relação que uma criança tem com seus pais, com a família ampliada, pares, escola, vizinhos têm grande importância no processo de seu desenvolvimento enquanto indivíduo.

Daí a importância de se considerar a família como o primeiro agrupamento de que a criança passa a fazer parte, incondicionalmente. E a expectativa do nascimento de uma criança pode agitar profundamente o mundo das relações sociais no âmbito desse grupo familiar. Isso permite afirmar que, antes mesmo de nascer, a criança já ocupa um lugar na sociedade humana, estando sua existência atrelada às condições reais de existência que lhe oferecerá seu meio cultural (PINO, 2005).

No caso específico de gêmeos idênticos, o nascimento de dois bebês “tão parecidos” pode desafiar os estoques de conhecimento do continente

familiar que os recebem. Somam-se aqui os valores, ideias e tradições da sociedade sobre a gemelaridade, agregados, principalmente, ao aspecto semelhança física, visto tratar-se de gêmeos MZ.

Por valores e ideias entendem-se as normas, princípios ou padrões sociais aceitos ou mantidos por um indivíduo ou um grupo de pessoas, que se concretizam em formas diferentes de organização das relações sociais e dos comportamentos dos indivíduos.

Por tradições (mitos, lendas, ritos ou costumes), consideram-se os conhecimentos ou práticas resultantes de transmissão oral ou de hábitos inveterados.

Um sistema de relações sociais é um sistema complexo de posições e papéis associados a essas posições e que definem como os indivíduos se situam uns em relação aos outros dentro de um determinado grupo social e quais as condutas (modos de agir, de pensar, de falar e de sentir) que se espera deles em razão dessas posições. “As relações sociais concretizam-se, portanto, em práticas sociais” (PINO, 2005, p. 106).

As práticas sociais são as mais variadas formas, socialmente instituídas ou consagradas pela tradição cultural, de pensar, de falar e de agir das pessoas que integram uma determinada formação social (PINO, 2005).

Vieira (2010) traz o conceito de práticas culturais como ações compartilhadas repetidamente no cotidiano de um grupo social e que têm caráter normativo e importância para além da ação imediata.

Considerando a situação da gemelaridade, algumas práticas sociais parecem vir acompanhando todo o processo de concepção, nascimento e desenvolvimento das crianças, principalmente quando são monozigóticas.

Tais práticas abrangem o fato de usarem roupas iguais ou com diferença apenas na cor, de serem escolhidos nomes com semelhanças fonéticas e extensão equivalente, de se estabelecerem rotinas parecidas quanto à alimentação e sono e manterem-se atitudes similares para com as crianças. Esses hábitos, frequentemente observados, são, muitas vezes, reforçados nas relações sociais de vizinhança, compadrio e amizade dos diferentes grupos sociais (BARBETTA; PANHOCA; ZANOLLI, 2009).

Isso pode ocorrer a ponto de configurar-se como um aspecto negativo, não havendo, muitas vezes, o respeito pela individualidade e pelo processo de constituição da identidade de cada membro do par, culminando numa posterior dificuldade de aceitação pelo grupo social a que pertencem, caso desejem firmar a diferença como fator principal de sua individualidade “[...] a identidade que se constitui no produto de um permanente processo de identificação aparece como um dado, e não como um dar-se constante, que expressa o movimento do social” (CIAMPA, 2001, p. 171). Nessa situação, os gêmeos passaram a ficar atrelados às condições reais de existência que eles encontrariam no meio social e cultural em que, com o nascimento, seriam inseridos.

As famílias também ficam, profundamente abaladas e acabam por promover conseqüentemente, o nascimento de um novo pai, uma nova mãe e novos irmãos, num padrão de relações internamente diferenciado.

Vygotsky (1989) apresenta uma contribuição valiosa, neste aspecto, quando estabelece duas teses fundamentais: de que a constituição do funcionamento humano é socialmente mediada, num curso de

desenvolvimento que abrange evoluções e, sobretudo, revoluções, a de que a gênese das funções psicológicas está nas relações sociais.

Considerando-se o duplo nascimento da criança, o biológico e o cultural, pode-se afirmar que este começa quando seus primeiros atos naturais adquirem significação para o outro. Só depois é que eles se tornam significativos para si mesma.

O caminho que leva a criança ao mundo e este à criança passa pelo outro. O outro é o mediador, num primeiro momento, entre a criança e o mundo, num circuito que se retroalimenta constantemente (PINO, 2005).

A partir desse nascimento cultural, a criança inicia seu acesso ao universo das significações humanas, cuja apropriação é condição *sine qua non* para sua constituição como um ser cultural. Esse acesso implica, necessariamente, a apropriação dos sistemas semióticos criados pelos homens ao longo de sua história, principalmente a linguagem, sob suas várias formas. A criança passa, então, por dupla mediação: a dos signos e a do outro, detentor da significação (PINO, 2005).

Assim, as realidades biológicas e as realidades culturais, embora pertencendo a ordens diferentes, são interdependentes e constituem dimensões de uma mesma e única história humana.

Têm-se, assim, a convicção de que a família, além de ser o primeiro grupo do qual a criança passa a fazer parte, indiscutivelmente, também contribui de maneira contundente com a sua formação e identificação como um ser social.

8 Considerações finais

Considera-se que linguagem e construção de identidade mantêm estreita ligação. A identidade de um indivíduo se constrói na língua e através dela. A identidade é (re)criada na interação, permeada pela linguagem, e, assim, pode-se dizer que a interação é um instrumento mediador dos processos de identificação dos sujeitos sociais envolvidos numa prática social (KLEIMAN, 2001).

A linguagem integra, com papel de destaque, o processo de constituição do indivíduo como sujeito social, enquanto a constituição da identidade desse sujeito ocorre no contexto das relações, na ordem do social e do intrafamiliar, mediadas e constituídas pela linguagem: “Há, portanto, um estreito vínculo entre a construção de identidades e as condições de existência, a cultura e as relações sociais” (PENNA, 2001, p. 108).

A concepção de constituição do sujeito considera: (1) a individualidade como um processo e socialmente construída, (2) a singularidade como um aspecto que envolve aproximações e afastamento, semelhanças e diferenças em relação ao outro e (3) o próprio sujeito como um agregado de todas essas tensões.

Nesse sentido, o sujeito exige um reconhecimento do outro para se constituir como sujeito nas relações sociais. E todo esse processo ocorre na e pela linguagem. Daí a relevância de pesquisas com gêmeos monozigóticos.

No campo da Fonoaudiologia, a atenção voltada para as questões atípicas de linguagem de gêmeos só vem a contribuir e a enriquecer a prática clínica na área da prevenção e da terapêutica, sensibilizando os profissionais em

direção a uma escuta capaz de ouvir e ver o que é mostrado, escutando e olhando aquilo que não é evidente. Espera-se romper com a pretensão de tornar os sujeitos homogêneos e uniformes ou reflexos da realidade social condutora da história, mesmo que o espelho traga a imagem de uma semelhança imutável.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, L.; MARTINS, M. M.; ANGELO, M.; MARTINHO, J. A família na vivência da gemelaridade – Revisão sistemática. **Texto & Contexto – Enfermagem**, Florianópolis, v. 23, n. 3, p. 758-766, 2014.

BAKKER, P. Autonomous languages of twins. **Acta Genet Med Gemellol (Twin Res)**, n. 36, p. 233-238, 1987.

BARBETTA, N. L. Sobre o desenvolvimento de linguagem de gêmeos monozigóticos. **Revista CEFAC**, v. 11, suplemento 2, p. 154-160, 2009.

_____; PANHOCA, I. Gêmeos idênticos no grupo terapêutico fonoaudiológico: a construção da linguagem e da subjetividade. **Pró-Fono Revista Atualização Científica**, v. 15, n. 2, p. 139-148, 2003.

_____; _____. ZANOLLI, M. L. Gêmeos monozigóticos: revelações do discurso familiar. **Revista da Sociedade Brasileira de Fonoaudiologia**, v. 13, n. 3, p. 267-271, 2008.

BEIGUELMAN, B. **O estudo de gêmeos**. São Paulo: Sociedade Brasileira de Genética, 2008.

_____; COLLETO, G. M. D. D.; FRANCHI-PINTO, C.; KRIEGER, H. Birth weight of twins: 2. Fetal genetic effect on birth weight. **Genetics and Molecular Biology**, v. 21, n. 1, p. 155-158, 1998.

_____; FRANCHI-PINTO, C. Perinatal mortality among twins and singletons in a city in southeastern Brazil, 1984-1996. **Genetics and Molecular Biology**, v. 23, n. 1, p. 15-23, 2000.

BISHOP, D. V. M. The underlying nature of specific language impairments. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 33, n. 1, p. 3-66, 1992.

_____; BISHOP, S. J. Twin language: risk factor for language impairment? **Journal of Speech, Language, and Hearing Research**, v. 41, p. 150-160, 1998.

BRASIL. MINISTÉRIO DA SAÚDE. Indicadores Demográficos. In: _____. Indicadores e Dados Básicos – Brasil – 2012. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinasc/cnv/nvuf.def>> e <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinasc/cnv/nvuf.def>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

_____. MS/SVS/DASIS – Sistema de Informações sobre Nascidos Vivos – SINASC – 2015. Disponível em: <<http://tabnet.datasus.gov.br/cgi/tabcgi.exe?sinasc/cnv/nvuf.def>>. Acesso em: 16 ago. 2017.

CAVALCANTI, A.; XAVIER, C. Aspectos do desenvolvimento da linguagem em crianças com história de prematuridade. **Temas sobre desenvolvimento**, v. 4, n. 22, p. 18-31, 1995.

CIAMPA, A. C. **A estória do Severino e a história da Severina**. São Paulo: Brasiliense, 2001.

CLARK, P. M.; DICKMAN, Z. Features of Interaction in Infant Twins. **Acta Genet Med Gemellol**, v. 33, p. 165-71, 1984.

DAY, E. The development of language in twins. **Child Development**, v. 3, p. 298-316, 1932.

DODD, B.; MCEVOY, S. Twin Language or Phonological Disorder? **Journal of Child Language**, v. 21, p. 273-90, 1994.

DOUGLAS, J. E.; SUTTON, A. The development of speech and mental processes in a pair of twins: a case study. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 19, p. 49-56, 1978.

FRANCHI-PINTO, C.; COLLETO, G. M. D. D.; KRIEGER, H.; BEIGUELMAN, B. Genetic effect on apgar score. **Genetics and Molecular Biology**, v. 22, n. 1, p. 13-16, 1999.

GEJÃO, M. G. et al. Evolução comunicativa em gêmeares com atraso no desenvolvimento da linguagem. **Revista CEFAC**, v. 16, n. 3, p. 1013-1020, 2014.

HAY, DA; PRIOR, M.; COLLETT, S.; WILLIAMS, M. Speech and Language Development in Preschool Twins. **Acta Geneticae Medicae Et Gemellologiae**, v. 36, p. 213-223, 1987.

KLEIMAN, A. B. A construção de identidades em sala de aula: um enfoque interacional. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Língua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 267-302.

LEWIS, B. A.; THOMPSON, L. A. A study of developmental speech and language disorders in twins. **Journal of Speech, Language, and Hearing Research**, v. 35, p. 1086-1094, 1992.

LURIA, A. R.; YUDOVICH, F. I. **Linguagem e Desenvolvimento Intelectual na Criança**. 2. ed. Porto Alegre: Editora Artes Médicas, 1987.

LYTTON, H.; CONWAY, D.; SAUVE, R. The impact of twinship on parent-child interaction. **Journal of Personality and Social Psychology**, v. 35, p. 97-107, 1977.

MALMSTROM, P. M.; POLAND, J. **Criando filhos gêmeos**. São Paulo: M Books, 2004.

MCMAHON, S.; DODD, B. A Comparison of the Expressive communication Skills of Triplet, Twin and Singleton Children. **European Journal of Disorders of Communication**, v. 32, p. 328-345, 1997.

MOGFORD-BEVAN, K. Desenvolvimento de linguagem em gêmeos. In: BISHOP, D.; _____. **Desenvolvimento da linguagem em circunstâncias excepcionais**. Rio de Janeiro: Revinter, 2002. p. 99-122.

_____. Developmental language impairments with complex-origins: learning from twins and multiple birth children. **Folia Phoniatica et Logopaedica**, v. 52, p. 74-82, 2000.

_____.; BISHOP, D. Five questions about language acquisition considered in the light of exceptional circumstances. In: _____.; _____. (Ed.). **Language development in Exceptional Circumstances**. Hove: Erlbaum, 1993. p. 239-260.

MOUSINHO, R. et al. Aquisição e desenvolvimento da linguagem: dificuldades que podem surgir neste percurso. **Revista Psicopedagogia**, v. 25, n. 78, p. 297-306, 2008.

PENNA, M. Relatos de migrantes: questionando as noções de perda de identidade e desenraizamento. In: SIGNORINI, I. (Org.). **Língua(gem) e identidade**. Campinas: Mercado de Letras, 2001. p. 89-112.

PINKER, S. **Tábula Rasa** – negação contemporânea da natureza humana. São Paulo: Companhia das Letras, 2004.

PINO, A. **As marcas do humano**: às origens da constituição cultural da criança na perspectiva de Lev S. Vigotski. São Paulo: Cortez, 2005.

REED, V. A. **An introduction to children with language disorders**. New-York: Macmilian, 1994.

RUTTER, M.; REDSHAW, J. Annotation: Growing up as a Twin: Twin-Singleton Differences in Psychological Development. **Journal of Child Psychology and Psychiatry**, v. 32, n. 6, p. 885-895, 1991.

SEGAL, N. **Indivisible by two**: lives of extraordinary twins. Cambridge: Harvard University Press, 2007.

SMITS, J.; MONDEN, C. Twinning across the developing world. **PLoS One**. v. 6, n. 9, 2011. Disponível em: <<https://www.ncbi.nlm.nih.gov/pmc/articles/PMC3182188/pdf/pone.0025239.pdf>>. Acesso em: 5 jun. 2017.

STARK, R. E.; TALLAL, P. Selection of children with specific language deficits. **Journal of Speech and Hearing Disorders**, v. 46, p. 114-22, 1981.

SYDER, D. **Introdução aos distúrbios da comunicação**. Rio de Janeiro: Revinter, 1997.

THORPE, K.; GREENWOOD, R.; EIVERS, A.; RUTTER M. Prevalence and developmental course of 'secret language'. **International Journal of Language & Communication Disorders**, v. 36, n. 1, p. 43-62, 2001.

TOMBLIN, J. B.; BUCKWALTER, P. R. Heritability of poor language achievement among twins. **Journal of Speech, Language, and Hearing Research**, v. 41, p. 188-199, 1998.

VIEIRA, A. O. M.; BRANCO, A. U. Cultura, crenças e práticas de socialização de gêmeos monozigóticos. **Psicologia em Revista**, Belo Horizonte, v. 16, n. 3, p. 575-593, 2010.

VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes; 1989.

Recebido em janeiro de 2019.

Aprovado em fevereiro de 2019.

Publicado em março de 2019.

SOBRE AS AUTORAS

Naraí Lopez Barbeta é fonoaudióloga, doutora e mestre em Saúde da Criança e do Adolescente pela Universidade Estadual de Campinas. Tem vasta experiência na área de Fonoaudiologia, no âmbito de clínica e docência, atuando principalmente nos seguintes temas: linguagem, gêmeos monozigóticos, grupo familiar, grupoterapia, alterações neurológicas e clínica geral.
Orcid: <http://orcid.org/0000-0002-5012-164X>
E-mail: wnbarbeta@terra.com.br

Ivone Panhoca é fonoaudióloga, doutora e mestre em Linguística pela Universidade Estadual de Campinas, como pós-doutoramentos na University of Houston – Speech Pathology Department (Texas/USA), em 1998; na Washington University in St. Louis – Education Department (Missouri/USA), 2000; na Universidad de Salamanca/España – Centro de Ciencias Sociales (2000) e na Universidade Estadual de Campinas – Instituto de Estudos da Linguagem (2011). É docente do Mestrado em Políticas Públicas da Universidade de Mogi das Cruzes e Professora colaboradora do Programa de Pós-Graduação em Linguística, da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia. É membro do GELEP – Grupo de Estudos da Linguagem no Envelhecimento e nas Patologias – UNICAMP/CNPq, do GRUPPU – Grupo de Pesquisas em Políticas Públicas – UMC/CNPq e do GPEN – Grupo de Pesquisa e Estudos em Neurolinguística (UESB/CNPq).
ORCID: <http://orcid.org/0000-0002-7463-7130>.
E-mail: i.panhoca@terra.com.br